

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
(PARTE 3 – CONCLUSÃO)
8 de setembro de 2025

Django Unchained / 2012

(Django Libertado)

Um filme de QUENTIN TARANTINO

Realização e argumento: Quentin Tarantino / *Direção de fotografia:* Robert Richardson / *Cenários:* Leslie Pope / *Guarda-roupa:* Sharen Davis / *Montagem:* Fred Raskin / *Interpretação:* Jamie Foxx (Django), Christoph Waltz (Dr. King Schultz), Leonardo DiCaprio (Calvin Candie), Kerry Washington (Broomhilda von Shaft), Samuel L. Jackson (Stephen), Walter Goggins (Billy Crash), Dennis Christopher (Leonide Moguy), James Remar (Butch Pooch/ Ace Speck), David Steen (Mr. Stonesipher), Dana Gourrier (Cora), Nichole Galicia (Sheba), Laura Cayouette (Lara Lee Candie-Fitzwilly), Don Johnson (Big Daddy), Franco Nero (Amerigo Vespepi), Bruce Dern (o velho Curraça), Jonah Hill (homem encapuzado #2); Michael Parks (empregado da LeQuint Dickey Mining Company), Quentin Tarantino (empregado da LeQuint Dickey Mining Company/ Robert, homem encapuzado).

Produção: Reginald Hudlin, Pilar Savone, Stacey Sher / *Produtoras:* A Band Apart, The Weinstein Company, Columbia Pictures / *Cópia:* 35mm, colorida, falada em inglês e legendada em português / *Duração:* 165 minutos / *Estreia em Portugal:* 24 de janeiro de 2013 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Estreando com três anos de intervalo entre um e o outro, **Django Unchained** e **The Hateful Eight** são as duas incursões de Quentin Tarantino ao mundo dos *westerns*, partilhando vários aspetos, mas sendo dois filmes com preocupações diferentes. Em ambos há: uma relação de proximidade histórica à guerra civil americana (o primeiro passa-se poucos anos antes, o segundo no rescaldo, uma década depois); uma ideia revisionista da própria História, com eventos e personagens como forças que personificam uma certa vingança histórica sobre atrocidades cometidas (em menor escala quando comparados com o reescrever da história de **Inglourious Basterds** ou **Once Upon a Time in... Hollywood**); bem como o uso de música de Ennio Morricone; e ainda a proliferação de paisagens invernosas e cheias de neve (prevalentes, sobretudo, em **The Hateful Eight**). Sendo ambos filmes de Tarantino, partilham ainda palavrosos diálogos, alguns atores (em especial, Samuel L. Jackson, Walter Goggins, Dana Gourrier) e violência visualmente desmedida e extravagante (em **Django Unchained** usada, em grande parte, com efeitos cómicos e vitoriosos, em **The Hateful Eight** com requintes de malvadez). A grande distinção entre os dois filmes será o seu tom – que se nota pela forma como a violência é administrada.

Em **Django Unchained**, há algo subversivo, porque Quentin Tarantino pega nas atrocidades da escravidão e dos estados sulistas pré-guerra civil americana, mostra-nos a violência de todos os envolvidos – Stephen é, talvez, a sua personagem mais atrevida, no sentido em que é um retrato

que vive na ponta de uma lâmina, magistralmente protagonizado por Jackson; a ideia do homem negro que é tão malvado como o seu proprietário branco –, mas também nos mostra algo que resgata o filme do fundo do seu horror: todas as maneiras através das quais os personagens de Django e Schultz se rebelam contra este *status quo* tenebroso. É essa rebeldia, essa subversão da história com “great vengeance and furious anger” (como diriam em **Pulp Fiction**), que dá ao filme, e à audiência, sentimentos de pura catarse e expiação. A insubordinação suplementar de Tarantino é a forma como engendra um filme que explora o mais deplorável capítulo da história americana mas é, ao mesmo tempo, irresistivelmente divertido, à custa dos piores da fita.

Django Unchained pertence, então, ao mundo dos *westerns spaghetti*, especificamente influenciado pelos filmes de Sergio Corbucci, em particular **Django**, de 1966, o primeiro protagonizado por Franco Nero, que surge neste filme com um *cameo* a piscar o olho ao cinéfilo mais instruído no género. Há ainda uns pozinhos da comédia louca de **Blazing Saddles** (de Mel Brooks), das paisagens brancas de **Il grande silenzio** (de Corbucci) e a preponderância de, entre outros, **Hercules Unchained** (de Pietro Francisci) e **Mandingo**, um filme de culto de Richard Fleischer bastante controverso, mas elogiado por Quentin Tarantino, que não gosta senão de ser um *enfant terrible*.

Por ser um realizador que se exprime tanto pela escrita como pelas imagens, escolhe a dedo quem pode tornar as suas palavras tão vivas no ecrã como na folha de papel. Reza a lenda que Quentin Tarantino achava que não conseguiria realizar **Inglourious Basterds**, porque Hans Landa é proficiente em quatro línguas e o ator que o encarnaria teria de o ser também; para além de excelso enquanto ator *per se* e com a habilidade de trabalhar os seus eloquentes diálogos. Quando encontrou Christoph Waltz sentiu que esse filme se tornou possível. O Hans Landa de Waltz é uma *tour de force* que o catapultou para um panteão rarefeito de atores. Similarmente, o Dr. King Schultz de **Django Unchained** não poderia existir sem Waltz. Se Tarantino gosta da maneira como Samuel L. Jackson diz as suas palavras, podemos supor o mesmo sentimento em relação a Waltz, que se lança com as suas idiossincrasias ao papel do antigo-dentista-tornado-caçador-de-recompensas. Uma outra lenda reza que o realizador teria desejado Will Smith para o papel de Django, mas que a estrela de cinema terá considerado que o melhor papel era o de Christoph Waltz – um entendimento equivocado acerca do que o filme está a fazer. O facto de o título se alinhar com a personagem de Django não é apenas simbólico, por muito verboso que seja o Dr. Schultz. No final, o filme saiu a ganhar com Jamie Foxx. O Django de Smith seria talvez mais fisicamente imponente, mas Foxx traz uma qualidade aguerrida a Django, uma desenvoltura que tornam a personagem palpável e verosímil. Alguém que *poderia* aprender a tornar-se no herói vingador do final. O filme vive, durante a maior parte da sua duração, da dinâmica que é estabelecida entre os dois. Eles unem-se com um objetivo em comum, capturar e matar um trio de irmãos fora-da-lei que darão boas recompensas monetárias e servirão também um propósito de justiça. Schultz prefere libertar Django, pela sua aversão à escravatura. O facto de Django aceitar a condição de aprendiz apenas torna tudo mais fácil. As camadas da relação adensam-se *porque* Schultz compra a liberdade de Django. Algo que nunca deveria ter de ser concedido por outro ser humano une-os inexoravelmente. Quando o alemão diz que o facto de lhe ter comprado a liberdade o faz sentir-se responsável por Django, vemo-lo como paternalista, tanto em termos de condescendência como de proteção. É esse sentimento que vai ditar o resto da relação que ambos desenvolvem.

Quando o antigo dentista alemão descobre que a mulher de quem Django foi separado se chama Broomhilda von Shaft (Tarantino a piscar o olho a Shaft, o icónico detetive negro já protagonizado

por Richard Roundtree e, mais tarde, Jackson), há algo que o impele a ajudar Django a recuperá-la, pois a lenda de Brunhilde aparece na tradição germânica. O seu plano envolve criarem novas personagens que vão encarnar numa charada tão elaborada que tanto parece a única maneira possível como está cheio de possibilidades de falhar. Ambos têm de confiar que o outro fará o seu papel da maneira mais convincente possível, mas há uma falha incontornável no plano. Schultz trouxe Django para o mundo da caça-à-recompensa, onde as regras se jogam dentro dos parâmetros da lei: há uma recompensa lançada por um juiz e uma justificação moral estatal conferida a quem assassinar alguém com a cabeça a prémio, por muito insolente ou destemido que se possa ser no cumprimento dessa ação sancionada. Quando partem em busca de Broomhilda (uma Kerry Washington que pouco mais faz que sofrer, ao longo do filme), entram num mundo diferente, no mundo da crueldade das plantações escravagistas, no mundo de Django. As regras já não são ditadas por sanções de juízes, mas através do punho de ferro do proprietário da plantação. Candyland tem um que é particularmente desprezível e Schultz não consegue jogar com estas regras, que Django, contudo, conhece bem. Calvin Candie (um excecional Leonard DiCaprio) é um homem que inclui todas as contradições de um escravagista. Encontramo-lo num lugar de prazeres e entretenimento onde é permitido às pessoas negras terem uma aparência de normalização, numa espécie de encenação onde não deixam de ser servos, ainda que com o verniz de civilização conferido pela francofilia de Candie. O mesmo repete-se na sua Candyland e na familiaridade e autoridade que este reconhece a Stephen. Mas o que o vemos fazer na sua fomentação e gosto por “mandingo fights” é apenas possível porque não lhes reconhece humanidade. Como poderia, sendo proprietário de outros seres humanos?

A personagem de Stephen é uma das mais ousadas de Quentin Tarantino, com o ator Samuel L. Jackson a dizer em entrevistas que o guião ia ainda mais longe na representação da impiedade dessa figura do que o que acabou por estar presente no filme. A personagem é antecipada no filme quando Django e Schultz discutem a personagem que o primeiro vai encarnar para ludibriarem Calvin Candie, um “black slaver”, a função mais vil que um homem negro poderia exercer – fora ser o chefe negro da casa, um espécie de mordomo depois personificado em Stephen. Esta personagem é um “Uncle Tom” excessivo, em total conluio e conivência com os patrões brancos. Jackson representa-o como alguém que aprendeu a exercer o seu poder de forma passivo-agressiva, com comentários calculados para influenciar os seus superiores a agir de acordo com a sua vontade, sendo o responsável pela continuidade dos maus-tratos, mesmo na ausência de Calvin.

É neste contexto de degradação total da alma humana (seja através da administração de castigos físicos ou da subserviência como modo de sobrevivência) sobre o solo de Candyland que a personagem de Waltz se revela menos um salvador de moralidade irrepreensível e mais um homem que vê a sua própria superioridade (em relação à crueldade de Calvin Candie) como algo que não pode abandonar. Apesar da charada não ter sido bem-sucedida (graças ao olho de lince e à provocação de Stephen), o prémio (Broomhilda) está na palma da mão, os documentos assinados e a perspetiva de saírem humilhados, mas não derrotados, brilha ao final do túnel. Contudo, Schultz não consegue esquecer ou perdoar a ignomínia de Calvin e quando este o sujeita a uma última rebaixamento – o aperto de mão – não admite o que parece considerar um gesto que os equipara. O aperto de mão seria considerar tudo aquilo *fair play* entre oponentes que se respeitam e esse é um passo que não dará. Fá-lo sabendo que o facto de “não resistir” matar Calvin o condena, mas condena também Django e Broomhilda, cujos destinos são tolhidos pela sobranceria de Schultz, a meros instantes de saírem incólumes. Quando volta a ver o homem que, para todos os efeitos, foi

o seu mentor (agora um mero corpo descartado no chão dos estábulos), Django já se libertou a si próprio, pelo seu engenho, mas também pelo que aprendeu com ele.

Django satisfaz a sede de vingança da audiência, que é a sua também. Django torna-se num herói que destrói aquela plantação, em representação de todas as outras, como elas mereceriam, ou seja, explodindo com tudo, destruindo as próprias fundações que a alicerçavam e não deixando nada no seu rasto. Para Quentin Tarantino, a única resposta aos horrores da escravatura é a purificação pelo fogo (ecoando **Inglourious Basterds**). No rescaldo da morte de Calvin Candie, Stephen pensa que terá enviado Django para um destino pior que a morte, mas deu-lhe, sem querer, as chaves da salvação. Django exerce tudo o que aprendeu com Schultz (cria uma personagem e nunca te desvies dela) para enganar os homens que o vão levar para os trabalhos forçados, usando a humana ganância a seu favor e conseguindo armas e um cavalo, soltando ainda os escravos. Quando salta para o cavalo, tirando-lhe os grilhões, arma na mão e pó a saltar das suas costas enquanto cavalga, é quase impossível não levantar as mãos em apoteose. Tarantino não é subtil, mas é infalível.

Ana Cabral Martins